

SITUAÇÃO ECONOMICA

O Sul e o Norte

A Amazonia

SERIE DE ARTIGOS EDITORIAES DO

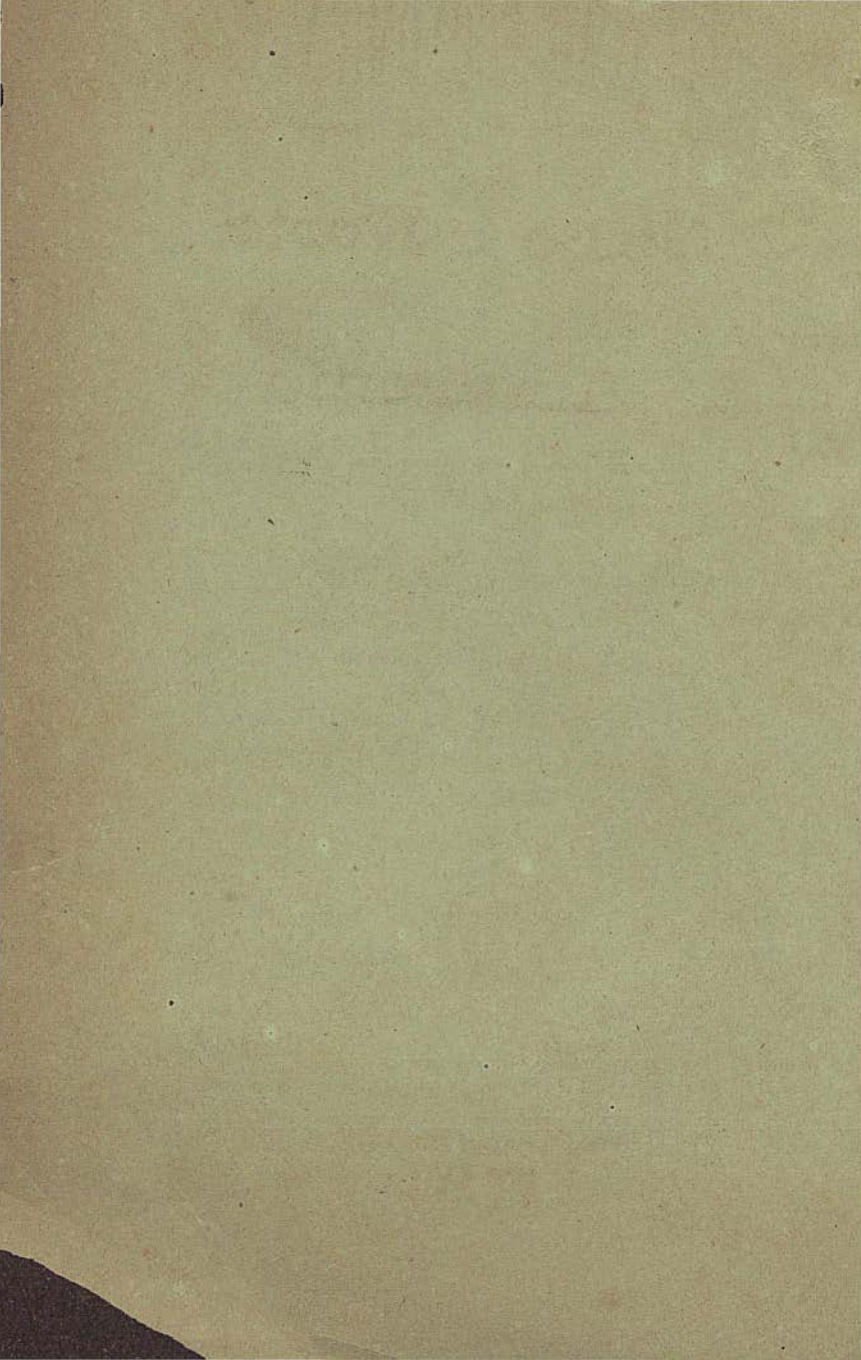
DIARIO DO GRAM-PARA

Mandados reproduzir em opusculo

por * * *



1884



SITUAÇÃO ECONOMICA

O Sul e o Norte

A Amazonia

SERIE DE ARTIGOS EDITORIAES DO

DIARIO DO GRAM-PARA

Mandados reproduzir em opusculo

por * * *



1884.

E' muito grave a situação economica do paiz.

O espirito pratico que se demora no exame dos factos, suas causas, e suas consequencias, toma-se de justificado temor pelo futuro da patria.

A imprensa, o parlamento e o governo soltaram o brado de alerta, e de todas as partes surgem avisos de providencia contra a crise que nos ameaça.

De onde vem o mal?

Desde o começo da sessão parlamentar, e por occasião do gabinete de 6 de junho exhibir o seu programma, tres causas forão apresentadas:

- a questão financeira;
- a desorganisação do trabalho;
- a abolição do elemento servil

E de facto. São más as circumstancias financeiras: o trabalho desorganisa-se com a evolução abolicionis-

ta: a escravidão caminha para seu termo, ameaçando em sua marcha os mais respeitáveis interesses.

Todos se assustam; e, conforme os nossos hábitos, todos voltam-se para o governo, requerendo seguras providencias.

Os ministerios entre nós se succedem com tanta celeridade, e durante o curto tempo de administração, delectão se por tal modo com as questões politicas, que não poderam ver nuvens formarem no horizonte a procella ameaçadora.

Sem plano administrativo, nem tempo para concebê-lo, sem a previsão que vem com o estudo e a experiencia, é o governo o responsavel unico pelas graves difficuldades em que se acha.

Lemos outro dia que são estereis, ou somente consagradas a interesses inconfessaveis, as sessões do congresso americano, porque seus membros desde o primeiro dia só cuidam em preparar terreno para reeleição

Os ministros no Brazil, si empobrecem, sacrificando alguns o patrimonio de seus filhos, nenhum enricou no poder; cuidam antes de firmar o prestigio politico proprio, e de seus correligionarios, do que de estudar e resolver as grandes questões que se prendem ao progresso nacional.

A politicagem absorve lhes tres quartas partes do tempo destinado aos negocios publicos, e o pouco que estes lhes merecem não basta para assegurar uma marcha regular. Dahi essas tantas difficuldades que se accumulam para, em momento dado, produzirem a crise.

O presidente do gabinete 24 de maio, com desuzada mas louvavel franqueza, apresentou ao paiz o quadro desolador das finanças, resultante do disequilibrio constante entre a receita e a despeza.

O dominio do *deficit* firmou se, ha dez annos, crescendo sempre, de modo que não ha prosperidade bem accentuada que possa subjugal-o

E' assim que, tendo diminuido progressivamente o *deficit* proveniente da guerra do Paraguay, de..... 63.000:000\$ até 294:000\$, mais tarde recommçou a augmentar de modo que, quando em 1878 o partido liberal subiu ao poder, estava em 43,000:000\$.

E foi continuando; em

1879.....	70,410:098\$
1880.....	30,814:800\$
1881.....	8,381:306\$
1882.....	8,756:641\$
1883, em liquidação.....	25,855,063\$

A media tem regulado 28,839:401\$: e para fazer face a tão largas sommas o governo emittiu papel moeda, ou contrahiu emprestimos, como se vê:

1878, papel moeda.....	30,000:000\$
1879 « «.....	10,000:000\$
—emprestimo interno.....	49,945:627\$
—emissão de apolices.....	40,000:000\$
1883 emprestimo externo.....	<u>247,966:040\$</u>
	377,912:034\$

somma avultadissima, a que cumpre ainda addicionar emprestimos de depositos, das caixas economicas e dinheiros de orphãos.

Não ha regimen assim perigoso ao credito publico

nem que maiores desastres possa occasionar ás finanças de um paiz qualquer.

A guerra do Paragnay obrigara a compromissos enormes, e a nação sujeitou se a todos os sacrificios exigidos; mas, concluida ella, nem somente os impostos não foram reduzidos ao que erão d'antes como ainda se crearam outros. E, não obstante, o *deficit* não desaparecia.

Vinha de longe o erro.

Em 1876, quando o paiz ainda acurvava sob o peso daquelles sacrificios, o presidente do actual gabinete, então ministro da Agricultura do 3 de agosto, já escancarava a larga porta das difficuldades presentes, proclamando a necessidade de iniciar-se a *politica dos melhoramentos*.

O sr. conselheiro Dantas calculava que essa politica seria presidida pelo criterio e pelo patriotismo, mas tal não succedeu.

O governo creou um orçamento extraordinario, a tabella C, e não houve amigo prestigioso que não obtivesse garantias de juros para estradas de ferro, algumas de vantagens reais, é certo, outras, porem, inteiramente inuteis, umas e outras objecto de grandes especulações, que gravaram o thesouro nacional com a despeza enorme de 10,220:330\$742 annuaes.

Esta somma avultada e mais o encargo de..... 42,500:000\$ de juros e amortisação da divida publica representão quasi metade da receita geral do imperio.

Eis como se iniciou a *politica de melhoramentos*, destinada a manter dentro de poucos annos, um or-

çamento impossível, como é o actual, se considerarmos que a outra metade da renda não basta para supprir as imprescindíveis necessidades do paiz.

II

A receita geral não tem soffrido depressão; o contrario affirma o relatorio do ministro da fazenda, que accusa estes algarismos, do ultimo decenio:

1873—74.....	101,399:545\$
1874—75.....	103,551:230\$
1875—76.....	99,339:017\$
1876—77.....	97,736:160¢
1877—78.....	108,177:274\$
1878—79.....	110,758:802\$
1879—80.....	119,217:108\$
1880—81.....	127,076:363\$
1881—82.....	128,937:622\$
1882—83 <i>por liquidar</i>	127,387:654\$
1883—83 <i>presumivel</i>	131,373:062\$

Animador que é este quadro, mas de uma animação que se retrahê, desde que ouvimos do governo «que não devemos illudir-nos, porque o encargo da divida, é enorme, e o *deficit* consolida se», porque «cumprindo reduzir as despezas, cumpre que se eleve a taxa de alguns impostos, e se crie novos.»

Não é muito difficil a tarefa reduzir a despesa publica em cinco ou dez mil contos de reis, uma vez que o governo tenha o sentimento patriótico em maior grau de intensidade do que o sentimento partidario, mas é difficil, muito difficil mesmo, carregar ainda a mais o peso dos tributos.

Os generos de importação, tendo obtido um preço elevadissimo em consequencia da depressão do cambio, são intributaveis, os productos nacionaes menos tributaveis são, sujeitos como já estão a cotações infimas.

A estas razões acresce que, em consequencia da suspensão de impostos de consumo, algumas provincias foram obrigadas á decretação de outros; e, desde que o governo intervenha, por sua vez, tributando, mais grave se tornará a situação economica do paiz, porque o contribuinte, que é sempre o mesmo, não encontrará em ramo algum da actividade individual ou collectiva interesse que resista ás exigencias do fisco.

Os principaes generos de exportação pagam:

—9 %—aguardente, cacau, castanhas, couros, fumo, e seus preparados, piassava, madeira, e borraça;

—7 %—café, lã em bruto, e herba mate, não sendo para a Europa e America do Norte;

—5 %—assucar e algodão.

Accrescente se á estes impostos os que são cobrados pelas provincias e pelos municipios, e se reconhecerá que os generos de producção nacional, sobrearregados em extremo, hão de continuar a soffrer nos

grandes mercados consumidores, em competencia com os similares de procedencia estrangeira.

Já não é agradável a perspectiva da producção. Tomando a mediada exportação nos dois quinquennios de 1874—79, e 1879—82 temos esta demonstração, que não deixa de ser desanimadora aos que aprofundarem a observação.

	1874—1879		1879—1882	
	TONS.	VALOR	TONS.	VALOR
Café	225.065	115.690:000\$	207.131	119.049:000\$
Assucar	459.220	22.116:000\$	208.163	31.238:000\$
Algodão	20.002	12.017:000\$	13.330	6.665:000\$
Couros	12.495	8.777:000\$	24.349	8.381:000\$
Borracha	6.324	10.439:000\$	6.814	12.034:000\$
Fumo	19.118	5.958:000\$	22.029	7.709:000\$

Estas cifras estão protestando contra qualquer tentativa de elevação de imposto, ou criação de novos, que mais ou menos indirectamente tenham de ser lançados.

Excepção feita da borralha e do assucar, a producção dos demais generos decresce, deixando-nos a previsão de um quadro contristador.

E nem ha scepticismo, ou pessimismo nesta apreciação, fundada unicamente no exame comparativo dos algarismos; o facto existe palpitante de verdade e de inquietação, determinado por causas que cumpre reconhecer, e debellar.

E' manifesta a gravidade da situação economica e financeira do imperio, que insta pelo emprego de remedios heroicos, conforme declarou o sr. conselheiro Lafayette.

A expectativa de uma receita progressiva, mas da qual 33 % estão sujeitas ao onus improductivo da dívida publica, e mais cerca de 15 % á garantias de juros, deixando margem insufficiente para tantos outros serviços, o quadro da producção aconselhando a maxima prudencia na estimação dos generos, e na taxação de impostos, a elevação dos actuaes, são factos que o observador não pode desprezar, e convencem com todo rigor da logica, quão melindrosa é a actualidade, estremecida em todos os nervos do seu desenvolvimento.

Não estamos, é certo, á borda do abysmo, porque a riqueza publica ali está pedindo que a explorem, porque a natureza ainda não revellou á inercia do homem todos os immensos thesouros, que guarda descuidosa e ao mesmo tempo generosa, mas lutamos contra difficuldades de ordem superior, que só podem ser vencidas pelo mais accentuado patriotismo, de par com muito criterio, e muita reflexão.

Na imprensa e no parlamento o facto é assignalado com as mais vivas cores, e, se alguns poucos se esforçam por dar-lhe uma feição menos temerosa, todos estão accordes na existencia de uma crise, que por votação unanime foi levada á conta da desorganisação do trabalho

Até onde vão os fundamentos desse argumento será assumpto do seguinte artigo.

III

Quantos tem discutido a situação economica e financeira do paiz attribuem a sua gravidade, entre os causantes de natureza administrativa, á desorganisação do trabalho, produzida pelo modo por que está sendo encaminhada a propaganda abolicionista.

Data de treze annos, apenas, a promulgação da lei de 28 de setembro, para que já tenham sido esquecidos os debates que sustentou no Parlamento o seu immortal promotor, em luta com a mais energica opposição, de que nos dão noticia os annaes da Camara dos Deputados.

A opinião se tinha manifestado por todas as suas valvulas, a imprensa, a representação nacional, as assembléas provinciaes, as camaras municipaes, e por tal modo que, quando os ministros subiam á tribuna em defeza da proposta, levavam a convicção de que eram os depositarios da confiança do paiz. Entretanto a opposição mantinha se com desuzada energia, e muitas vezes transparecia o intéresse individual apaixonadissimo.

Não precisa recordar todos os temores e todas previsões funestas que assaltaram os espiritos dos que combatiam contra a reforma, que, na phrase de uns era *uma scentelha ateadora de um vasto e assolador incendio*, na de outros *o prenuncio de calamidades inauditas, de crimes medonhos*, na de alguns *feria desaparecer o estímulo das libertações philantropicas*, e na

de todos *ante juridica, injusta, perturbadora, imprevidente, deshumana, e oppressora.*

Mas a lei foi promulgada, e no periodo de treze annos, tempo necessario para demonstrar a sua oportunidade e sabedoria, um facto unico não justificou as previsões,

O paiz recebeu a reforma com enthusiasmo, as condições economicas desenvolveram-se auspiciosamente e — cousa singular—aquelles prophetas das catastrophes converteram-se em admiradores da gloriosa obra do visconde do Rio Branco. O que se apregoara perturbador, imprevidente deshumano e oppressor, foi proclamado sabio, prudente, criterioso, e necessario de ser conservado.

A lei fez o seu caminho cercada dos applausos do mundo civilisado e das bençãos de uma geração de brazileiros, que dez annos depois se debruçou incansavel sobre o tûmulo, que acabava de encerrar o mais illustre dos nossos concidadãos,

A escravidão tinha sido ferida de morte. Ao protesto ingente da legião dos nasciturnos surgiu o movimento abolicionista, que terá de pôr o termo final á execranda instituição, e veio a propaganda pacifica, humanitaria, civilisadora, que falla mais ao sentimento do que á razão, que estimula o patriotismo, e professa os grandes dogmas do progresso e da civilisação

Mas que tem feito os proprietarios de escravos ? A lei de 28 de setembro, que devera ser um aviso, foi considerada a solução unica possivel do problema.

Dormiram.

Os fazendeiros se haviam habituado por tal modo ao braço escravo, que chegaram a acreditar que elle jamais faltaria.

Dormiram treze annos, não ouvindo sequer o enorme concerto de 365,300 ingenuos, esculcas da redempção, que se approximava. Foi a libertação do Ceará, quem os poz de pé. Viram, então, que nada tinham feito, e, constituindo laços de união para defeza da causa commum, organisaram clubs de resistencia invocando os grandes interesses da lavoura, apregoada como sustentaculo da nação.

A lei Rio Branco golpeara de morte a escravidão, mas, confiando demasiado nos resultados do fundo de emancipação, prolongou a existencia do cancro social até á morte do ultimo escravo.

Em doze annos aquelle fundo não foi alem de... 12,290:150\$ e com elle apenas foram manumittidos 18,900 escravos, de sorte que, abatidos os algarismos indicativos dos mortos, e dos libertados por iniciativa individual, ainda restam no Brazil 1,200:000 escravos!

Nessa morosidade poiza toda energia dos clubs da lavoura.

Ninguem ha que exija a libertação immediata, mas a nação inteira quer acabar com a execranda instituição, o mais breve possivel.

Aparte um pequeno grupo de escravagistas imperterritos, os bons brazileiros pensam como o distincto sr. Affonso Celso Junior, que dizia, ha pouco, no seio da Camara.

«O impulso abolicionista está dado e não parará

mais. Cumpre guial-o para que no seu impeto elle não arraste mais do que convem. Aos espiritos directores dos partidos politicos compete entrar em acção.

«E' preciso que os fazendeiros se convençam de que a escravidão vai acabar mais cedo de que elles pensavam.

«A representação nacional, orgão do paiz, deve encarar de face a situação e decidir-se de prompto

«Devem collocar-se a frente do movimento aquelles mesmos que, como os nobres deputados, profligam os abusos, afim de cohibil-os, conferindo as palmas a quem as merecer. A abolição effectuar-se-ha; o que é preciso é dirigil-a de modo a não produzir effusão de sangue, nem perturbação notavel das nossas condições economica, parece levando-a ao cabo entre festas e flores, como, peço licença para dizer, me que se vai fazendo »

O impulso abolicionista está dado e não parará mais: quanto maiores e mais fortes forem as obras de resistencia, que se construirem, mais valente será o esforço da propaganda, mais brilhantes serão os trophéos da victoria.

Entretanto ella ainda não excedeu os limites da philantropia. Os clubs e associações restringem-se a promoverem libertações por indemnisação, ninguem ainda foi constrangido a manumittir os seus escravos, de modo que o movimento, no dizer do sr. senador C. Ottoni, bem merece que o governo acaricie, affague e premie.

Tem motivo os fazendeiros para attribuirem á propaganda a desorganisação do trabalho?

IV

É na lavoura do sul, na grande lavoura do *paiz do café*, que a luta pelo escravo tomou character socialista. É naquella riquissima região servida por 722,400 escravos que se accentua mais grave a situação economica.

O fazendeiro, embalado na doce esperanza que antevia na solução promettida pelo fundo de emancipação, não acreditou nunca que a escravidão estava condemnada; por isso, convencido hoje da tristissima verdade, irrita-se contra a propaganda humanitaria, e dirige-se ao Parlamento pedindo garantias para a *fiel* execução da lei de 28 de setembro.

Nessa agitação, conservadores e liberaes, esquecendo a linha divisoria dos partidos em que pelejavam até á vespera, congregaram-se em clubs, combinam no esforço geral para a defeza de reciprocos interesses, e vão até a illegalidade de crearem corpos de policia para impedirem o movimento abolicionista do sul despertam alvoroçados, e, em quanto os de Rezende se contentam com um praso razoavel, de quatro annos, os da Leopoldina pretendem um correctivo para os magistrados que se tem excedido, ferindo interesses particulares!

Em todos os manifestos os clubs protestam contra

a propaganda que ameaça a lavoura de retirar ao trabalho crescido numero de braços, mas ao mesmo tempo aconselham o augmento do fundo de emancipação, que, elevado a grandes algarismos, pode dizimar as fazendas

Os effeitos economicos serão a desorganisação do trabalho. A questão affigura-se-lhes, portanto, pelo lado financeiro tão somente.

Em cada municipio organisa-se um centro de resistencia, mas em nenhum já se organisou uma sociedade para importar colonos que venham substituir o braço escravo, prestes a desaparecer por effeito de evolução irresistível.

Um dos mais notaveis parlamentares, e tambem dos mais obsecados escravagistas, o sr. Andrade Figueira, disse n'um dos seus discursos—«que o governo fará muito melhor serviço ao paiz, attrahindo capital do que attrahindo população» Nessa autorisada declaraçãe está todo o programma dos clubs. Querem capital para obterem dinheiro barato, mas não querem população que produza os capitaes !

Em um paiz immenso como o nosso, servido por um milhão de trabalhadores, apenas, só a immigração podera desenvolver as suas riquezas. E, todavia, excepção feita das colonias do estado, que tão caro nos custaram, em nenhuma outra zona o immigrante agazalhou-se diffinitivamente, preferindo os pampas das republicas platinas, onde não terá de emparelhar com o trabalhador escravo.

Somente as provincias de S. Paulo, Rio Grande do Sul e S Catharina tem conseguido uma diminuta cor-

rente, que no anno passado não excedeu de 11,113 colonos, immigrantes espontaneos, que foram recebidos e encaminhados pelo governo.

A iniciativa individual dos lavradores tem sido por conseguinte negativa, e nem mesmo concorreu ainda para que a Sociedade Central de Immigração, fundada e animada pelo inextinguível patriotismo e decidida energia do distincto sr. Escragnolle Taunay, se constituísse o grande centro importador de braços livres.

Nessa situação é para temer o futuro da lavoura

A escravidão agoniza, deixando um claro enorme nas forças activas do paiz. Os proprietarios de escravos, animados pela imprudencia do governo que não tem querido ver o perigo, mantem-se valorosos contra o impulso civilizador. Amanhã, quando a resistencia for absolutamente inutil á uma retirada em ordem succederá uma infinidade de catastrophes, cada qual de mais desgraçadas consequencias. Será tarde, então.

E' por demais precaria a situação dos fazendeiros do sul.

Em poucos annos a escravidão terá desaparecido, e aonde ir procurar o elemento de trabalho?

O commendador Malvino Reis, em seu interessante opusculo sobre a—situação economica do Brazil—aventura receioso uma proposição que ja aqui discutimos o anno passado e julgamos aceitavel, e, conveniente, e foi tambem adoptado pelo club do Mar de Hespanha: estipular um salario modico ao escravo, como premio e animação, como ensaio para

contracto de locação de serviços com os mesmos.

Esse club destoando dos demais votou no acto de sua installação:

«Solicitar dos fazendeiros a criação em suas fazendas de premios para os escravos que mais se distinguirem por actividade e comportamento. podendo e convindo que esses premios consistam além de outras cousas, já no usufructo gratuito de lotes de terra sob condição de os cultivarem, auferindo todos os lucros da producção, já na doação dos lotes desde que o merecerem.

«Promover no municipio adhesões a toda e qualquer publicação nacional ou estrangeira, projecto ou empreendimento que julgar conveniente á lavoura.

«Crear premios para os que introduzirem na lavoura propria ou alheia, n'este municipio, qualquer melhoramento novo e importante, tendente já a augmentar a producção, já a melhorar a qualidade dos productos,

«Deliberar menção honrosa na acta e congratulação pela imprensa a todo o fazendeiro que fundar em sua fazenda colonia agricola, nacional ou estrangeira.

«Solicitar dos fazendeiros do municipio, como meio efficaz da constituição da pequena propriedade e mais facil organização do trabalho livre nacional ou estrangeiro, que vendam ou arrendem os seus terrenos incultos, que lhes não forem necessarios ou que não possam cultivar.»

O melhor colono é sem contestação aquelle que já está habituado ao serviço peculiar da fazenda, libertto facilmente permanecerá aonde nasceu, uma vez

que seja tratado como devera sel-o o trabalhador livre.

E' este o meio unico de prevenir as grandes commoções que impressõnam os pensadores e os reaccionarios do sul.

Urge legislar a respeito, pois todos os factos deixam prever que amanhã talvez já seja tarde o emprego do necessario remedio.

O *neg' o* afinára por tal modo o patriotismo da maioria da Camara, que todos os avisos foram impotentes para provocarem em tempo uma resolução legislativa que, encaminhando regularmente a propaganda, assegurasse ao *café do paiz* a tranquillidade que não tem, e não terá mais.

Examinaremos amanhã se o norte está nas mesmas condições.

V

«O imperio do Brazil é um grande gigante, mas não tem relações economicas entre as suas diferentes praças. Assim o commercio do Pará nada tem de commum com o do Rio de Janeiro, o da côrte pouco tem com o do Maranhão, e com o de outras provincias do norte etc., etc ,» disse ultimamente o sr. Andrade Figueira, assignalando um facto que tem o mais elevado alcance, actualmente.

O que perturba o Sul pôde não perturbar o Norte. A extensão do paiz, a falta de communicações re-

gulares, a preponderancia exercida pelo elemento servil em uma região, a desigualdade do tributo, e da repartição dos melhoramentos, e tambem a politica centralisadora do governo, tem contribuido para que essas relações não se tenham estabelecido e mantido no interesse geral da nação.

Este facto o «Morning Post» accentuou perfeitamente nestas linhas:

«Por força da centralisação que, em detrimento das provincias mais remotas da capital, beneficia o Rio de Janeiro, a abelha-mestra do Imperio é taxada para nutrir o zangão, d'aqui resultando naturalmente os descontentamentos.»

As condições economicas do sul são muito differentes das do Norte. Ali o escravo è tudo, porque sò elle trabalha, no dizer do illustre deputado. Aqui è raro não encontrar ao lado do escravo o trabalhador livre. As commoções e terrores que tem sobresaltado o Sul, não impressionam o Norte. E' que, não havendo relações economicas, cada qual cuida de si.

Em informações officiaes verificamos que a população escrava è representada por 1,346,648 almas, das quaes cabem ao Norte, desde o Amazonas até Alagoas — 344,151, ao Sul, incluindo Matto-Grosso e Goyaz — 1,002,491. Essa população deve ser a base de todos os calculos sobre a producção, pois que, asseguram os apologistas da escravidão, na Camara, todas as classes no Brazil sugam o producto do trabalho desse milhão de escravos que a propaganda pretende arruinar.» (Discurso do Sr. A. Figueira, em 26 de maio ultimo.)

Examinando e comparando a exportação no periodo liquidado de 1880—81 1881—82, e 1882 - 83 temos este resultado.

SUL.	NORTE
—1,002,491 escravos	—344,451 escravos
Exportação—	Exportação—
de longo curso rs.	de longo curso.
462,595:025\$	469,966:575\$
de cabo-	de cabo-
tagem. 150,129:954\$	tagem .. 67,752:514\$
612,724:979\$	237,719:089\$

Não é preciso entrar em fundas indagações para verificar que ha grande desproporção entre os productos e productores n'uma e n'outra zona, porquanto os resultados aqui são mais vantajosos do que ali, cumprindo ainda ponderar que, sendo a importação no sul de 411,171:478\$ o saldo de 51,423:547 é fornecido pela provincia de S. Paulo, unica que exporta mais do que importa, cerca de 60 %.

Estes algarismos fallam eloquentemente contra o trabalho escravo e a reacção escravagista, e comprova quanto havemos dito sobre a localisação da crise economica

Pretender, porém, envolver os interesses geraes do paiz n'um circulo regional é affirmar a celebre phrase—o Brazil é o Rio de Janeiro—phrase apurada pelo Sr. Martinho Campos, quando preconizava a superioridade da sua *santa terrinha*, e ao mesmo tempo amesquinhava n'uma eloquencia de fazer rir os *cidadãos de arcs e flexa* da Amazonia.

Quaesquer que sejam as consequencias do estado anormal do valle do Parahyba, e seus hereos confidentes, nada soffreremos com ellas. Só n'um ponto os seus desastres percutirão aqui—o cambio; o cambio que se faz no Rio de Janeiro debaixo da pressão de mil circumstancias diversas, n'um meio agitado pela politica, por transacções officiaes, por um trabalho condemnado, por um commercio que não tem saldo seu na exportação sobre a importação.

Tivessemos nós, da Amazonia, um cambio, *independente* do da còrte, e este seria taxado sempre acima do par, visto como o nosso saldo é igual á nossa importação

Observar-nos-hão que tambem no Norte o braço escravo é o principal elemento do trabalho, e nós retru-caremos que com elle concorre fortemente o braço livre; que pelo menos, no valle do Amazonas, n'uma população de 20,000 escravos, talvez a 5.^a parte não contribue para a exportação; que, muito embora a industria extractiva não esteja sujeita aos mesmos processos do café, o trabalho é sempre o trabalho e nós não apuramos agora as incontestaveis vantagens da agricultura sobre as industrias amazonicas, que aorganisação do trabalho obedece em toda parte, ás mesmas regras.

O desaparecimento da escravatura, neste extremo do paiz, não actuará no desenvolvimento da riqueza publica ou particular. Muitas vezes temos demonstrado esta proposição para que seja necessario fazel-o novamente.

Houvesse mais patriotismo nos politicos desta qua-

dra do grande valle, e desde muito poderíamos affirmar eloquentemente que eramos grandes, só porque eramos livres !

Facto nenhum, por conseguinte, autorisa os reacinaros escravagistas a generalisarem a gravidade da situação, que é do *paiz do café*, tão somente.

O Norte, excepção de Pernambuco, que peza fortemente na balança politica pelo numero e valor de seus representantes no Parlamento, e de Alagoas na actual dominação liberal, somente é lembrado como pontual contribuinte do thesouro nacional.

VI

Mal estimado é o Norte; esse Norte sempre explorado pela *fraternidade* do Sul, sempre prompto em contribuir para as grandezas e glorias da nação, sempre paciente debaixo da pressão da injustiças de que é victima; esse Norte que é quasi desconhecido no *paiz do café*.

O Rio Grande do Norte não tem renda que baste para pagar as suas despezas, mas tambem não poudo obter do governo que mandasse franquear a sua barra, uma obra da maior necessidade, e que não custaria centenas de contos de reis; o Ceará ha cem annos pede um porto artificial, ainda não obteve, e nem obterá agora, principalmente, que foi posto fora da lei por haver libertado os seus escravos; o Piauí

hy tem a principal arteria de seu desenvolvimento, o Parahyba, obstruido; o Maranhão está quasi sem porto, definha acceleradamente por falta de estradas e de recursos para subvencionar a navegação de seus rios; ao Pará acaba desernegada pelo senado a ferrovia que, salvando as cachoeiras do Tocantins e do Araguayá, vá levar o progresso a quatro provincias, enteadas tambem; o Amazónas, se quiz gozar da linha de navegação da còrte, pagou-a com o seu dinheiro...

Entretanto o sul farta-se de attentões, de favores, de beneficios, muitos dos quaes decretados por mero luxo. Os ministerios organisam-se com um pessoal todo do sul, que não nos conhece, e que, ainda quando é constringido a deixar o governo, pouco sabe a nosso respeito, fóra do campo da politicagem.

Não ha muito, nesta mesma legislatura, proxima de findar, o sr. F. Belizario, discutindo a receita geral, disse na Camara:

—o valle do Parahyba e uma pequena parte da provincia de S. Paulo, concorrem com 70 % para a producção geral do imperio. Se o Norte tem navegação estradas de ferro, telegraphia electrica, magistratura, força publica, deve ao trabalho escravo do valle do Parahyba..

A esta tirada escravagista respondeu brilhantemente o sr. Aristides Spinola:

—«Direi em nome desse Norte, tantas vezes injuriado, que, si para possuir linhas ferreas, telegraphos, magistrados, e força publica, precisa do suor dos captivos do Parahyba, elle renunciará á esses beneficios.

Faltava mais esta. Faltava que se viesse sustentar a escravidão no Sul por causa da prosperidade do Norte!»

O digno representante de uma lavoura servida por 268,000 escravos não conhece do seu paiz senão o valle escuro da escravidão, pertence a essa classe de que fallou o sr. Andrade Figueira «indivíduos que vivem a sugar o producto do suor do escravo», e pois não é de estranhar que affirme proposições como esta que transcrevemos.

E não é trabalho de grande folego oppor uma contestação que, para ser cabal, vamos fazer por partes e na ordem da insinuação

NAVEGAÇÃO—O governo subvenciona no norte—Companhia do Amazonas, Costeira do Maranhão, Costeira de Pernambuco.

—No Sul—Companhia Brasileira do Sul, do Espirito-Santo e Caravellas, Paulista, de Iguaçu, de Corumbá, e de Jequitinhonha.

Não incluimos as companhias brasileira do norte, e de paquetes americanos porque ellas servem por igual as duas zonas

ENGENHOS CENTRAES—São garantidos os capitães empregados em 50 engenhos centraes, sendo para o Pará 1, Maranhão 1, Ceará 1, Parahyba 1, Rio Grande do Norte 1, Pernambuco 13, Alagoas 2,—21 no valor de 12,850:000\$

—No Sul—29 engenhos no valor de 16,800:000\$

VIAS FERREAS—Natal a Nova Cruz (Rio Grande do Norte) Conde d'Eu (Parahyba) Recife a Palmares e Recife a Limocero (Pernambuco) Maceió a Alagoinhas

(Alagôas) que gravam o thesouro com a despeza annual de reis 2,435:949§234.

—No sul, 12 estradas, cujas garantias nos custam annualmente 9,001:782§052.

Cumpre accrescentar ainda que está garantido, mas não fixado o capital de mais de quatro estradas no sul, que nos custarão, annualmente, 4.419:333§333; e mais que o governo está autorisado a garantir o capital, empregado em outras tres estradas, tambem do sul, que nos custarão 918:000§; e mais, deve-se notar, que só a estrada de D. Pedro II, ao serviço dos clubs da lavoura, já nos custou 90,909:230§317 e vae por diante.

Nesta rapida demonstração, em que não incluímos uns 40 040:000§ despendidos inutilmente com immigração, e uns 26,000:000§ de garantia de juros á estrada da Bahía S. Francisco, fleou patente que, se os negros do valle do Parahyba tem concorrido com 70% da producção, tambem os senhores tem consumido o dobro, em navegação, engenhos centraes e estradas de ferro.

Quando á Amazonia, afortunadamente para nós, ainda não conhece o dinheiro daquelle valle. Ha muitos annos paga-se com o nosso dinheiro uma grossa subvenção á companhia do Amazonas, mas esse beneficio foi decretado e é mantido, em proveito unicamente dos accionistas fidalgos ou potentados da corte, e nós o dispensamos da melhor vontade; certo o sr. F. Belizario de que, no dia em que nos fizesse esse favor, começaria uma nova era de prosperidades para a Amazonia, cuja numerosa es-

quadra fluvial augmentará extraordinariamente.

E, entretanto, tendo pago a magistratura, a força publica, os empregados que o governo tem aqui para arrecadarem dinheiro, ainda assim o Amazonas tem um saldo de 600:000\$ e o Pará no exercício que findou, ha dias, remetteu para cobrir as despesas dos fidalgos do Parahyba o importante saldo de reis 8,143:184\$.

A apostrophe escravagista pecca por assentar em base falsa.

E se nos dessemos ao trabalho de esmerilhar como o sr. F. Belizario poude prefazer aquelles 70 0/0, encontraríamos como contribuintes, alem do valle da escravidão e da parte de S. Paulo, a que se referiu, as provincias de Minas, Paraná, Espirito Santo, Santa Catharina, Matto Grosso e Goyaz, sendo que S. Paulo, aonde o braço livre vae se aclimando vantajosamente, é a unica que apresenta um saldo avultado da exportação sobre a importação.

Quanto á Amazonia veremos no seguinte artigo o que deve á Parahyba.

VII

O valle do Amazonas é um mundo — um territorio de 4,630.428 kilometros quadrados, retalhado pelos maiores rios do globo, que são outras tantas estradas viaveis desde os Andes até o Atlantico, «mais seme-

lhantes a um grande oceano de agua doce cortado e dividido pela terra,» no dizer de Agassiz.

E todavia esse mundo tem apenas 600,000 habitantes, quando Humboldt calculava poder conter duzentos milhões, e nós ainda mais, attendendo á densidade de população de alguns paizes da Europa, nomeadamente da Belgica, 157 vezes menor do que a Amazonia, com 5,500,000 habitantes.

Grande pela riqueza immensa que encerra, grande ainda pelo systema, sem igual, de sua hydrographia, esta região que, só ha poucos annos, começou de ser explorada, offerece ás demais provincias do imperio um confronto, a que nenhuma resistirá.

No proposito de especialisar a sua posição economica diante da crise que assoberba o paiz, vamos fazer um rapido bosquejo do seu desenvolvimento, começando por assignalar o progresso admiravel de suas rendas, que é o thermometro seguro da prosperidade de um povo.

Ainda no anno findo o *Jornal do Commercio* dizia a respeito. «A historia financeira não terá registrado em todo mundo muitos exemplos de prosperidade assim tão rapida,»

Sem precisar volver a muitos annos anteriores, porque nos limitamos a um exame de actualidade, eis o quadro do movimento financeiro, liquidado nas repartições provinciaes:

PARÁ			AMAZONAS	
Exerc.	Receita	Despeza	Receita	Despeza
77—78	2.108:077\$	1.774:248\$	785:970\$	825:569\$
78—79	3.126:940\$	2.710:446\$	838:173\$	792:062\$
79—80	2.555:653\$	1.968:520\$	1.065:069\$	721:429\$
80—81	3.108:299\$	2.650:731\$	1.320:922\$	879:203\$
81—82	3.515:668\$	3.480:308\$	1.765:787\$	1.021:572\$
82—83	3.486:789\$	3.316:291\$	1.948:400\$	2.231:759\$

Em 1.º do corrente o thesouro provincial tinha um saldo de 605:474\$111.

Passando da renda provincial á renda geral: não é menos surpreendente o resultado:

	PARÁ	AMAZONAS
1877—78	4,136:113\$	163:776\$
1878—79	4,975:613\$	191:975\$
1879—80	6,119:827\$	312:322\$
1880—81	5,879:816\$	429:012\$
1881—82	9,812:393\$	507:710\$
1882—83	10,707:135\$	791:808\$
1883—84 (1.º semestre)	5,664:048\$	494:557\$

Cumpre ainda recorrer a outra fonte de rendas para completar a nossa exposição é o correio:

	PARÁ	AMAZONAS
1878—79	23:462\$	5:588\$
1879—80	28:087\$	5:491\$
1880—81	53:266\$	6:065\$
1881—82	55:911\$	8:738\$
1882—83	64:363\$	10:232\$

Comreferencia ao correio do Pará, devemos accrescentar que foi o primeiro do imperio que deixou saldo, saldo que tem attingido a estes algarismos,

não obstante o augmento de despezas com o pessoal.

1880—81	22:050\$
1881—82	22:762\$
1882—83	23:655\$

No exercicio liquidado de 1882—83 apresentaram saldos, unicamente, os correios do:

Amazonas	1:123\$216
Pará	23:655\$213
S. Paulo	24:218\$592

Estes algarismos, que aqui deixamos consignados, affirmam em sua nudez, e melhormente do que quaesquer outros argumentos, o desenvolvimento da Amazonia.

Não é menos notavel a estatistica que nos offerece o commercio.

«O porto de Santa Maria de Belem do Pará, escreveu o illustrado sr. Dr. Ladislaw Netto, é depois do da capital do Imperio, o mais animado, o mais pittoresco e sob o aspecto da navegação commercial, o que maior diversidade de productos indigenas fornece ao consumo dos mercados estrangeiros. A todas as horas do dia e da noite innumerous navios, desde os mais alterosos paquetes transatlanticos ou fluviaes até a modesta igarité dos habitantes dos sertões do grande estuario. sulcam aquellas aguas em que se fundem millhões de tributarios da maior bacia fluvial do mundo. Encontradouro de navios de tão differentes procedencias, o porto do Pará é tambem o ponto de junção de todas as nacionalidades, a Babel de todas as linguas da terra.»

Completando esta observação dizia um viajante americano «Belem é a Liverpool da America do Sul.»

Este quadro de entrada de navios de longo curso, e do sul do imperio, confirma aquelles conceitos:

	Nav. á vella	Vaporés	Toneladas
1879	142	121	230,073
1880	145	147	258,155
1881	170	141	225,484
1882	167	166	229,365
1883	179	183	261,659

Os 362 navios entrados no anno ultimo foram;

Inglezes	128
Nacionaes	80
Americanos	40
Francezes	40
Noruegueses	20
Portuguezes	18
Allemaes	12
Suecos	7
Dinamarquez	1
Hespanhol	1
Argentino	1
	362

De par com esse movimento figura o de mais de uma centena de barcos de vapor, que sulcão os rios da Amazonia, desde o rebocador que faz o serviço do porto, até o grande vapor que vae ás fronteiras, ao Perú; á Colombia etc., etc.

São principaes representantes dessa immensa frota a companhia do Amazonas, estabelecida em 1852, a

empresza de Marajó e Tocantins em 1874, a companhia de navegação de Manaus em 1882, e a companhia Pará e Amazonas, fundada no anno passado, que está fazendo construir os seus vapores nos estaleiros dos Estados-Unidos e de Inglaterra, e brevemente começa o serviço.

Para alimentar todas estas machinas do progresso, as duas provincias não tem poupado sacrificios, hoje absolutamente dispensaveis, despendendo com a navegação subvencionada:

—Pará:

Companhia do Amazonas.....	112:000\$
Linha do Xingú.....	6:000\$
« de Igarapé-miry.....	15:000\$
« do Guamá e Capim.....	12:000\$
« do Pinheiro e Bemfica...	12:000\$
« costeira.....	13:000\$
Companhia do Maranhão.....	4:800\$
	<hr/>
	174;800\$

—Amazonas:

Companhia do Amazonas.....	196,000\$
« de Manáos.....	84,000\$
« Brasileira.....	72,000\$
Linha para New-York.....	50:000\$
« para Liverpool.....	72,000\$
« para Hamburgo.....	48,000\$
A' uma empresza allemã.....	48,000\$
« « italiana.....	48,000\$
« « de navios de veia americanos.....	24,000\$
	<hr/>
	644,000\$

As cinco ultimas linhas foram autorisadas na ultima sessão legislativa.

Para não alongar demasiado este artigo reservamos para no seguinte registrar o desenvolvimento, sempre assencional, do commercio da Amazonia.

VIII

A Amazonia é uma região essencialmente commercial.

Sem agricultura, sem industria fabril, sem o concurso das artes que contribuem fortemente para a riqueza publica, a população do grande vâlle emprega-se exclusivamente no commercio.

O exame das leis de orçamento ahi está demonstrando a verdade de nossa asserção --todas as imposições mais directa, menos directamente attingim as relações mercantis.

A estatistica é o nosso melhor argumento. A importação vem confirmal-o.

Basta attender para estes algarismos do valor official da exportação para convencer que differente é a situação economica do Pará daquella que sobressalta as grandes provincias do sul.

1879.	21.369:597\$999
1880,.....	21,822:954\$371
1881.	25,776:074\$763
1882.	36,494:266\$744
1883.	37,060:127\$484

Faltam-nos os dados referentes á exportação do Amazonas.

Nada mais admiravel do que essa progressão constante, indicadora do desenvolvimento do commercio paraense.

Não cabe nestes artigos escriptos debaixo de um plano, é certo, mas quasi ao correr da penna, examinar um por um todos os argumentos que estes algarismos suggerem, vamos por conseguinte assignalar a importancia com que concorreu cada um dos nossos principaes genros para a elevada verba do anno ultimo

Esses productos, assim como os—oleo de copahyba, grude de peixe, cumari, urucu, marfim vegetal, guaraná, salsa, couros de veado e de boi, ucuhuba,

<i>Anno</i>	BORRACHA		CACAU		CASTANHAS	
	<i>Kilos</i>	<i>Valor</i>	<i>Kilos</i>	<i>Valor</i>	<i>Kilos</i>	<i>Valor</i>
1879	7.605:580	14.763:930\$988	5:129:339	4.637:061\$392	1.750:850	272.152\$675
1880	7.977:894	17.559:079\$954	3:121:085	1.765:399\$468	5.252:060	871.276\$607
1881	8,427:428	20.148:578\$986	5:404:957	3.177:199\$229	6 368:400	699.163\$357
1882	9,624:569	30.062:893\$465	6:293:673	3.653:209\$320	4 033:200	606.680\$266
1883	9,649:842	31.277:567\$581	5:055:129	3.263:067\$238	2.138:500	434.686\$980

passava, e quina foram exportados, no ultimo quinquennio, para:

	INGLATERRA	AMERICA	FRANÇA	BRAZIL	PORTUGAL
1879	8.778:956\$230	6.885:136\$768	4.620:265\$442	621:426\$421	163:814\$138
1880	9.399:483\$126	9.156:128\$230	2.622:873\$216	451:674\$421	189:250\$147
1881	9.777:617\$318	11.345:835\$207	3.812:933\$162	639:300\$152	182:211\$174
1882	11.997:968\$628	19.486:737\$490	4.241:079\$852	653:364\$816	115:145\$958
1883	16.045:084\$684	15.532:139\$562	4.781:316\$529	646:075\$774	28:535\$935

Estes algarismos representam o valor official da exportação.

O relatório ultimo do ministerio da fazenda accusa estes saldos da exportação sobre a importação:

	PARÁ	AMAZONAS
1880—81	7.715;400\$	500;347\$
1881—82	7,726:300\$	816:982\$
1882—83	8,437:900\$	1,116;6530

Estes resultados não precisam de ser mais lisongeiros para assegurar a Amazonia uma posição excepcional nas suas relações commerciaes e economicas. Entretanto, dependo absolutamente da praça do Rio de Janeiro, como já fizemos notar em outro artigo, perdemos annualmente uma somma respeitavel no movimento do cambio, sujeito ali a toda casta de eventualidades.

Exploramos as industrias agricolas, tão somente.

A nossa lavoura é quasi nulla, excluindo o cacau, um pouco de assucar e guaraná.

Aonde a terra retribue generosamente o trabalho, aonde a semente de hoje é o fructo de amanhã, e o homem encontra a locomoção de par com facilidade de facilidade do consumo, a agricultura devia de ser uma fonte inexhaurivel da fortuna publica.

Assim pensaram os colonisadores—o Pará foi quem importou da Ilha da Madeira, em 1666 a canna de assucar, o Pará foi quem primeiro cultivou o café no Brazil. Em 1749 haviam na provincia 17,000 cafeeiros.

O governo colonial, mais interessado por esta região do que o governo imperial, por carta regia de 30 de julho de 1731 isentou de direitos o café do Pará e Maranhão; e em 1749 facilitou a exportação do cacau, mandando navios a Belem para conduzir a

Europa o precioso fructo, que Linneu denominou «o manjar dos deuses».

Como o café e o cacau, a canna de assucar, o arroz, o milho, o algodão e o anil foram grandemente cultivaados, decaindo, porém essa cultura, a proporção que a gomma elastica crescia de reputação. Só escapou o cacau cuja arvore vive mais de cem annos.

Entretanto são extraordinarios os resultados obtidos pelo trabalho dessa minguada população do grande valle, aonde ha 400 kilometros quadrados para 14 habitantes!

A immigração não vem cá expontaneamente, como tambem não vae para o sul do imperio, mas lá o governo gastou, de 1861 a 1881, 40,040:000\$ para colonisar S. Paulo, Santa Catharina, Paraná e Rio Grande do Sul, emquanto, que nem um colono mandou para a Amazonia, que só tem tido emigração do Ceará, compellida pela terrivel calamidadé que devastou aquella opulenta e sympathica provincia.

Lemos algures que o clima equatoriano era motivo que nos privava da accção official na introducção de colonos estrangeiros; esse motivo porem assenta em erronea opinião, combatida vantajosamente em carta do sr. Agassiz, de 27 de março de 1865, ao sr. Pimenta Bueno:

«E no entretanto tenho prazer em repetir, por mais que digam o contrario, mesmo no Brazil, que não conheço paiz no mundo mais rico, mais cheio de attractivos, mais fertil, mais salubre, e mais proprio para vir a ser o fóco de uma numerosa immi-

gração, do que este magnifico valle do Amazonas».

Esboçadas, assim rapidamente as condições commerciaes e economias da Amazonia, veremos no seguinte artigo como tem ella aproveitado os seus recursos.

IX

As administrações da Amazonia tem aproveitado convenientemente as forças energicas, que acabamos de enumerar?

Não infelizmente.

Os presidentes, na maior parte apanhados entre os supplicantes de empregos publicos, resovidos á se manterem o tempo mais longo possivel prendem-se absolutamente á vontade dos chefes do partido dominante, e raro é aquelle que o entregar as redeas do poder deixa o seu nome vinculado á um melhoramento perduravel.

Politicam, principalmente, e por consequente o serviço publico padece todos os influxos dos interesses partidarios,

Pouco, muito pouco mesmo tem sido aproveitados os grandes recursos das duas provincias, e esse pouco é conquista do elemento commercial, ou da actividade e patriotismo da imprensa.

Entre os divervos ramos de administração em que

podemos assignalar o proficuo emprego das rendas publicas. está o ensino publico.

Na Amazonia não se tem feito tudo, é certo, mas já se tem feito alguma cousa a respeito.

A geographia especial do grande valle está indicando as enormes difficuldades que se oppõem a uma perfeita diffusão do ensino. Centros de população muito distantes uns dos outros, habitações salteadas aqui, e daqui a muitas milhas, população nomada, á que passa o verão nos seringaes, e recolhe às casas no inverno. são tantos enormes obstaculos á frequencia e fiscalisação das escolas.

Entretanto, ou no Pará ou no Amazonas, não ha um nucleo, onde hajam dez creanças analphabetas, que não tenha a sua escola elementar, pelo menos.

Este quadro mostra o desenvolvimento do ensino primario nos ultimos annos:

PARÁ			
	1874	1882	1883
Escolas	246	289	312
Alumnos	10,244	13,974	14,480

AMAZONAS			
	1874	1882	1883
Escolas	55	86	89
Alumnos	1,434	2,350	2,416

A essa demonstração adicionaremos a da despeza effectuada com o ensino:

	AMAZONAS	PARA ²
1880--81	91:627\$	372:603\$
1881--82	112:921\$	522:150\$
1882--83	151:420\$	610:000\$
1883--84	175:810\$	610:000\$

Nas duas provincias os professores são educados em Escolas Normaes, e bem remunerados.

Os vencimentos podem ser comparados assim:

PROFESSORES DE	1. ^a ENTRANCIA	2. ^a ENLR	3. ^a ENTR.
Pará	1:400\$	1:900\$	2:400\$
Amazonos.	1:400\$	1:800\$	2:400\$
Rio de Janeiro	1:200\$	1:400\$	1:600\$
Pernambuco	1:2000	1:300\$	1:600\$
S. Paulo	850\$	950\$	1:500\$
Bahia	800\$	1:000\$	1:200\$
Rio Grande do Sul.	600\$	880\$	1:500\$

Não queremos dizer que nenhuma outra provincia apresenta melhores resultados no ensino, ou com elle gasta mais, seria uma temeridade desde que não temos dados para isso, mas, repetimos, nestes ultimos annos, esse serviço tem melhorado consideravelmente, cabendo á iniciativa particular um respeitavel curso

Tratando deste assumpto não nos empenhamos n'um relatorio, que excede os limites do plano traçado, mas tão somente affirmamos que os *cidadãos de arco e flecha*, do senador mineiro, não são um povo tão descuidado do primeiro dever do homem civilisado —cultivar o espirito

Esse nobre estímulo poderia servir-nos de escudo na conquista de justas aspirações. Tal não succede, porém.

Por isso mesmo que constituimos uma excepção no descalabro que reina por toda parte, por isso mesmo que, conhecendo a nossa importância, não temos cessado de protestar contra o systema centralizador que nos explora dia a dia em proveito de outrem, os directores do paiz, governo, e chefes politicos, cuidam de conter ou annullar os nossos melhores direitos e indeferir as nossas pretensões mais fundadas.

Desde 26 de julho de 1882, dorme na secretaria da camara a emenda do senado ao projecto n 150 de 1871, que eleva o numero dos representantes do Pará na Assembléa Geral, e, com quanto todos estejam de accordo que a provincia soffre injustiça clamorosa, como demonstrou brilhantemente na tribuna o illustrado Dr. Gusmão Lobo, em 1873 quando deputado, e em 1881, no senado o sr. Meira de Vasconcellos, os influentes dos partidos não admittêm que o projecto entre em discussão.

Não advogamos aqui o augmento da representação parlamentar do Pará, mas registramos a injustissima desigualdade que revolta quando attendemos a esta demonstração:

	Nº de deputados	Eleitorado	Renda Geral	Renda Provin- cial.	Renda do Cor- reio.
Pará	3	3,998	11,808:000§	3,400:000§	64:363§
Sergipe	4	2 950	414:559§	716:000§	5:323§
Parahyba	5	3,910	784:366§	460:000§	5:420§
Alagoas	5	3,914	1,262:649§	692:000§	13:347§
Maranhão	6	4,760	2,607:107§	750:000§	24:250§
Ceará	8	7,684	2,642:456§	800:000§	21:844§

Não advogamos, o augmento da representação parlamentar do Pará, mesmo porque não estamos persuadidos de que melhoraremos com esse augmento.

Já deseremos dos partidos, e aqui na provincia, poderimos repetir estas palavras que o sr. conselheiro Paulino de Souza dirigiu á seus eleitores, em 1881:

«Não se dando hoje notavel divergencia de opiniões, são as mais das vezes interesses menos confessaveis que mantem o encarniçamento das antigas lutas, sem as paixões varonis e nobres incentivos daquellas épocas».

O mal agrava o paiz inteiro. Em toda parte sente-se os effeitos da *politicagem*, que estraga os caracteres, e arruina o futuro das provincias.

Entre nós o facto tem uma preeminencia desoladora

Os partidos luctão encarniçadamente, prejudicando os mais caros interesses da provincia. A fé e a confiança vão desaparecendo para dar espaço a esse sce-

pticismo de que fallou o sr. Ferreira Vianna, que obriga os espiritos a procurarem outra nutrição.

X

Vamos concluir.

As considerações que temos feito demonstram á saciedade quanto é grave a situação economica do paiz. Não acreditamos que para vencel-a sejam bastantes os remedios heroicos que o sr. Lafayette, aconsellhou.

Complexa é a crise que nos assoberba, e que *Garrison*, o notavel escriptor que illustra presentemente a secção ineditorial do *Jornal do Commercio*, divide assim:

«A primeira dessas é a crise financeira, pelo uso extravagante, que fizemos do imposto e do credito, uso que produziu um desequilibrio irremediavel entre a parte morta, a que se refere ao passado—a divida—e a parte viva ou a que é necessaria á vida de todos os dias do paiz, das nossas finanças. A segunda é a crise commercial, ligada á crise financeira pelas relações entre o commercio e a lavoura. A terceira é a crise economica devida ao periodo de fluctuação em que entrou a propriedade escrava para delle nunca mais sahir, á transição do trabalho, ao estado ameaçador do cambio e ao pessimismo fatalista da lavoura que quer que Deus a ajude sem ella se ajudar á si

mesma. A quarta é a crise social proveniente da anarchia moral, do enfraquecimento de toda e qualquer autoridade, da falta absoluta de espirito publico, das perturbações causadas pelas crises anteriores e pela ruina do Estado, o qual até hoje tem sido o pai de nós todos. Quem não reconhecer em todas essas crises inevitaveis e dentro das quaes ja nos achamos de facto, elementos para uma quinta crise—a crise politica—mostra não ter a minima idéa de esismologio social, das leis que presidem aos terremotos dessa especie.»

As finanças em ruinoso estado e sob o dominio do *deficit* permanente, o commercio e a lavoura sob o dominio da acção commum do decrescimento da producção, e da transformação do trabalho, a propriedade escrava agitando as melhores forças nacionaes para obter a eterna perpetuidade. e, a par de tudo isso, o credito do Estado seriamente compromettido, senão seriamente abalado na principal praça da Europa.

Crise complexa que ao mesmo tempo affecta a todas as relações sociaes, e vai progredindo, sem que a reacção efficaz se tenha aventurado a debellal-a.

Governo e parlamento caminham por estradas oppostas.

A minoria conservadora é a resistencia, a maioria liberal é a indifferença

Aquella, reclamando pela redução das despezas não admite a decretação dos impostos, mas, captiva ao precedente de 1871, cerra fileiras contra a evolução abolicionista; esta votando quieta com o ministe-

rio tem receio de pronunciar-se em favor do escravo, se não conspira em silencio. . .

O gabinete de 25 de maio commettera muitos erros mas só cahiu porque a reacção escravagista o havia condemnado:

Nós votamos pelo sr. conselheiro Dantas.

Se o programma ministerial resentia-se de restricções, incompativeis com as exigencias do paiz, as declarações do presidente do conselho nas sessões de 13 e 18 de junho, na camara dos deputados, a iniciativa na questão servil, collocam o estadista liberal em posição tão notavel a que nenhum do partido ja chegou.

Nada mais consolador do que ouvir o chefe do gabinete dizer ao parlamento:

—O governo de opinião representa a opinião em todos os negocios.—

E mais:

—Em todo caso creio que a camara e o paiz preferem questões propriamente de administração ás questões especulativas da politica.—

Nobre e patriotico programma é este!

No regimen parlamentar o governo deve ser opinião, e para que se mantenha cumpre que a represente.

Governo de opinião foi o gabinete 7 de março, realisando a libertação do ventre escravo reclamada pela imprensa nacional, e por todas as manifestações da vontade popular. Governo de opinião foi o gabinete 28 de março, promulgando a reforma eleitoral directa igualmente reclamada pela nação. Governo de

opinião quer ser o gabinete de 6 de junho, respondendo pela voz de seu chefe ás ameaças dos representantes do esclavagismo «que esperando contar com o apoio da maioria, está resignado á sorte que o seu programma lhe reserva».

Honrado com a confiança da corôa não para resolver a magna questão servil, mas para encamiuhal-a, accelerando, o sr. conselheiro Dantas não duvidou enfrentar com enormissimas difficuldades, e disse ao parlamento os seus intuitos com a unção do estadista que comprehende a sua difficil posição.

Não acreditamos que a camara preste seu voto ao projecto abolicionista. Estamos persuadidos, até de que á minoria conservadora se juntará forte contingente da maioria, e o ministerio ou dissolverá a camara appellando para a nação, ou cahirá com gloria immensa, entregando o poder ao ramo mais adiantado e mais prestigioso do partido conservador, de que é chefe o distincto sr. conselheiro João Alfredo

Não consideramos a questão servil como solução unica da crise complexa que assignalamos, mas não padece duvida que ella resolve metade das difficuldades economicas e satisfaz uma aspiração nacional. Cumpre que o governo obre. Essa hesitação constante em que se mantiveram os gabinetes de 5 de julho e 24 de Maio é o que, sem aproveitar, mais convulsiona o paiz «Quando o governo tem medo, dizia o sr. Ferreira Vianna, o cidadão não tem liberdade.»

Em bôa hora o ministerio de 6 de junho acabou com essa situação vacilante, e declarou resignar-se

com a sorte que lhe está reservada Demo-nos os parabens por isso.

Quebremos a ultima cadeia que nos prende a um passado, que todos devemos esquecer, por honra da nação, por amor do nosso futuro.

Se não é obra de um resto de sessão o emprego dos meios capazes de conjurar os grandes males que affligem o paiz, é-o a solução dessa grande questão, que vae mais e mais encadescendo os animos.

Tregoa, portanto, á politicagem.

Conservadorese liberaes respondam ao presidente do conselho que tambem preferem as questões de interesse real ás questões especulativas da politica; e como sr. A. Celso Junior digamos aos homens de boa vontade:

—*Laboremus!*

